

Dólar despenca

DANIELE CAMBA

ESPECIAL PARA O CORREIO

ARNALDO GALVÃO

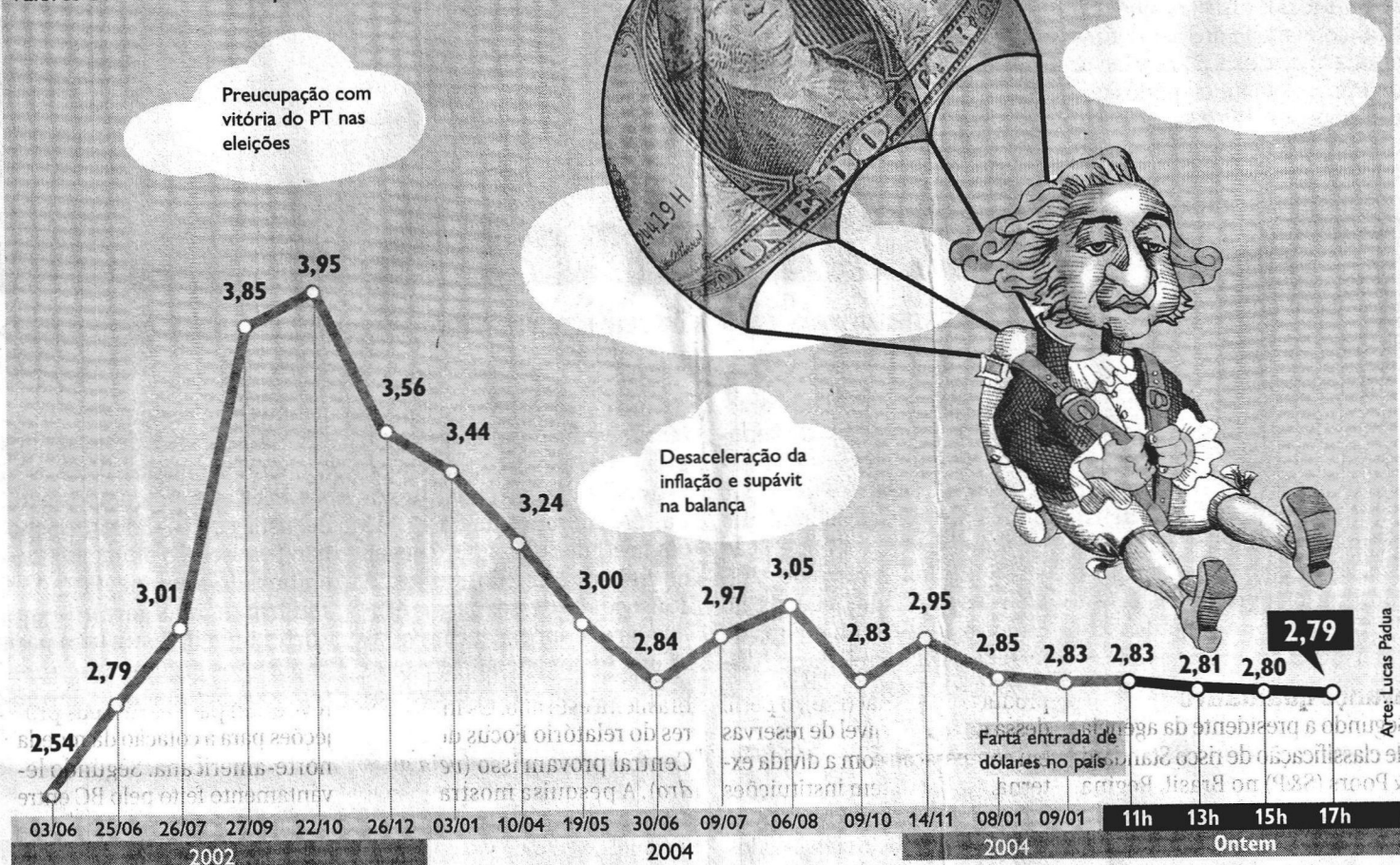
DA EQUIPE DO CORREIO

O dólar fechou a segunda-feira valendo R\$ 2,79, a menor cotação desde julho de 2002. A explicação para a desvalorização está, principalmente, na captação de US\$ 1,5 bilhão feita pelo Banco Central no exterior (emissão de títulos da dívida externa — *leia texto abaixo*). O excesso de moeda americana no país fez com que a cotação caísse 1,51% em relação ao fechamento de sexta-feira. A emissão de títulos do governo acontece em um momento em que várias empresas brasileiras, como a gigante Vale do Rio Doce, aproveitam o bom momento pelo qual o Brasil passa no exterior para captar recursos fora do país. Essa avalanche de dinheiro estrangeiro tem levado a uma queda consistente da moeda americana nos últimos dias, apesar de o Banco Central ter anunciado na semana passada que passaria a comprar dólares para recompor suas reservas.

A desvalorização acentuada do dólar terá reflexo negativo na balança comercial brasileira, porque com o real valorizado os produtos brasileiros perdem competitividade no exterior. Para o economista do Banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sérgio Werlang, com o dólar na casa dos R\$ 2,85 (pata-mar que estava na semana passada), continua valendo a pena para outros países comprarem produtos brasileiros e a balança comercial (diferença entre exportações e importações) fecharia este ano ainda com superávit de US\$ 21 bilhões. “No entanto, a cotação nos níveis atuais começa a prejudicar as exportações com certeza”, disse. Ele acredita, no entanto, que mais importante do que segurar a cotação do dólar é o governo reduzir a vulnerabilidade externa do país, o que vem fazendo com a política fiscal austera e a queda da dívida cambial.

EM QUEDA

Valores do dólar comercial para venda (Em R\$)



O presidente da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), Roberto Giannetti da Fonseca, é mais enfático ao criticar a valorização do real. “O real está sobrevalorizado por um longo período e isso retira empregos mantidos pelas exportações, além de desempregar os que não têm como concorrer com importações mais baratas.”

Para Giannetti, o Banco Central deveria enxugar o mercado, comprando dólares para melhorar as reservas do país e conter a queda. Do contrário ele acredita que os produtores brasileiros deixarão de vender para o exterior, já que terão mais lucro no mercado interno. “Ninguém quer perder dinheiro com exportações e o governo não pode se dar ao luxo de cometer os mesmos erros do ex-

presidente do Banco Central, Gustavo Franco”, disse o presidente da Funcex. De 1994 a 1998, Franco foi o maior defensor da paridade cambial entre dólar e real. Nesse período, o Brasil viveu, segundo Giannetti, uma “farra de importações”, pagando preço caro por essa conduta.

Nível baixo

O diretor-executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, não acredita que a cotação da moeda americana vai ser mantida em um nível tão baixo quanto o de ontem. “As exportações são a galinha dos ovos de ouro da economia e o governo não vai matá-la”, afirma.

Na visão de alguns economistas, o Banco Central deveria aproveitar que desde a semana passa-

da está comprando dólares no mercado para recompor as reservas líquidas (hoje em torno de US\$ 17 bilhões), e comprar com mais apetite, no intuito de também segurar a cotação da moeda. “Já que Banco Central se propôs a entrar no mercado comprando dólar, que o faça de forma mais enérgica para não deixar a moeda chegar em níveis perigosos. Se o BC não der um susto, os investidores continuarão testando patamares cada vez menores da moeda”, diz o economista-chefe do banco Módal, Alexandre Póvoa. No entanto, no dia que anunciou a compra de dólares, o BC deixou claro que faria isso apenas para aumentar as reservas e que não tinha objetivo de intervir na oscilação do dólar.

A queda da moeda não vai be-

neficiar apenas aqueles brasileiros que vão viajar para o exterior. Um dólar mais baixo reduz a pressão inflacionária, abrindo espaço para cortes mais agressivos na taxa de juros, o que em última instância propicia um crescimento maior da economia e mais empregos em vista. Segundo alguns economistas, tal atitude seria um contrasenso, já que no relatório de inflação divulgado no fim do ano passado o BC deixa claro que em 2004 cortará os juros de forma “parcimoniosa”.

Para o economista da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas, apenas juros mais baixos vão conter a queda do dólar. “Com os juros atuais, o investidor estrangeiro continuará entrando no país em busca de retornos mais volumosos.”